

Segunda-feira

Ele estava a ler o jornal. Ela estava a ler um romance. Ele olhou para ela. Ela não retribuiu o olhar. Tinha o cabelo claro, penteado para trás e, pela maneira como segurava o livro, apoiado no joelho da perna cruzada, diria que tinha mãos de pianista. Tentou ver o título do romance, mas não foi capaz. Quando ela virou a página, esforçou-se uma vez mais, mas voltou a não conseguir. Pouco depois, fez uma última tentativa.

— É *O Monte dos Vendavais* — sussurrou ela para não incomodar as outras pessoas que se encontravam naquela ampla sala.

Parecia ligeiramente divertida com a curiosidade dele e, a fim de provar que o livro não era segredo, virou a capa para que ele a visse com os seus próprios olhos; talvez nunca tivesse ouvido falar dele. Não sabia muito bem porque precisava de saber o que ela estava a ler. Talvez porque falhara de todas as vezes que tentara ou porque, não querendo admiti-lo, desejava meter conversa com ela. Todavia, depois de lhe mostrar o título do romance, ela retomou a leitura e parecia ainda mais concentrada do que antes.

— Na verdade, já o li duas vezes — comentou ele. — Na escola, costumávamos chamar-lhe *Montes e Vendavais*. — Ela achou a tirada engraçada e deixou escapar uma risadinha silenciosa,

mais por cortesia do que pelo extraordinário humor da piada. — Já está um pouco gasta — acrescentou ele —, mas não é má de todo, se nunca a tivermos ouvido. — Desta vez, ela limitou-se a esboçar um sorriso superficial, não disse nada e retomou a leitura. Ele voltou ao *The Wall Street Journal*.

Naquela segunda-feira quente de verão, ela envergava um vestido leve de linho, sem ombros, mas munira-se de uma camisola de algodão para o caso de o ar condicionado tornar a sala do júri insuportavelmente fria. Contudo, no amplo *hall* onde se amontoavam pelo menos duzentas pessoas à espera de serem escolhidas como jurados, o ar condicionado recusava-se a funcionar. Por fim, às nove e trinta, o funcionário do tribunal pegou no microfone, deu as boas-vindas a todos e, com humor na voz, pediu desculpa pelo sistema de refrigeração, lembrando aos presentes que o calor era tão insuportável para quem ali trabalhava como para os potenciais jurados. O toque de humor pareceu agradar a todos e uma gargalhada contida percorreu o átrio.

Entretanto, o homem pousou o *Journal*, despiu o casaco de lã penteada azul às riscas e assentou-o, cuidadosamente dobrado em dois, no espaço entre eles. Ainda lhe ocorreu alargar a gravata e desabotoar o primeiro botão da camisa, mas decidiu não o fazer. Antes de dizer a piada do *Montes e Vendavais*, tinha começado a desapertar os grossos botões de punho dourados, em forma de corrente náutica, que agora lhe pendiam dos punhos. Calçava uns sapatos *brogue* pretos e brilhantes, do tipo que o marido dela nunca usava. As meias pretas não lhe caíam; as do marido caíam sempre. Jonathan não se importava quando as meias descaíam em redor dos tornozelos, mas o mais provável era aquele janota usar ligas em redor da barriga das pernas. Lia-o como um livro: Wall Street, Park Avenue, Ivy League — arrogante, convencido, claramente preconceituoso, e consciente disso.

Continuaram colados às respectivas leituras até que chamaram o nome dele: Paul Wadsworth. *Claro*, cogitou ela. Foi-lhe dito que subisse no elevador até à Sala 73.

— Boa leitura — desejou ele, pegando no casaco e apertando os punhos com o à-vontade de uma pessoa que, ao contrário de Jonathan, nunca precisava de ajuda com botões de punho. — A Emily Brontë bate o *Journal* aos pontos — acrescentou.

— Concordo plenamente — retorquiu ela.

Esquerdista, sem dúvida, pensou ele. Uma liberal do Upper West Side, cheia de opiniões, condescendente, e que desprezava tipos como ele.

Deixou a sala de espera principal e dirigiu-se à sala de audiências. Sentou-se num dos bancos e esperou que o chamassem. Os advogados discutiam entre si. Entretanto, a porta atrás dele abriu-se, ele virou-se e reparou que entrava um novo grupo de jurados. Ela estava entre eles. Notou então que o cabelo dela não era loiro escuro, como inicialmente avaliara quando estavam sentados no átrio, mas de um cinzento atraente e brilhante. Ela reparou que ele a observava, estugou o passo e ocupou um lugar vago mesmo atrás dele. Inclinando-se para a frente, perguntou:

— Tem alguma maneira de nos livrar disto?

— Creio que sim — respondeu ele.

— Partilhe comigo. Não posso mesmo ficar aqui. Algum conselho?

Ele levantou-se, pegou no jornal, abriu caminho até ao corredor e sentou-se ao lado dela.

— Duas coisas — começou, baixando a voz. — O que mais exaspera os advogados durante o *voir dire* é que lhes respondam apenas com um seco sim ou não e nem mais uma sílaba. Vão presumir que a pessoa ou é advogado ou tem alguma experiência com tribunais e desconfiar que será capaz de perceber as suas manobras legais. Estou a usar um fato de advogado...

eles sabem porquê, e sabem que eu sei porquê. Basicamente, vão perceber que sou advogado e não querem um advogado a dominar a sala do júri durante as deliberações. Quanto a si, não diga nada que não lhe seja perguntado. Apenas um simples sim ou não.

» Ora bem, como isto é um tribunal criminal, irão perguntar-lhe se alguma vez foi vítima de um crime. Podem até dar-lhe a oportunidade de contar um desses episódios. Eu, no passado, disse-lhes a verdade: nunca tive uma experiência direta com o crime, mas acrescento que a minha mãe foi assaltada à mão armada enquanto estava na caixa de um supermercado. Isso irá provavelmente agradar à acusação. Mas depois lembro ao juiz de que a polícia, quando chegou ao local, não prestou atenção a uma única palavra do que ela disse. Como falava com sotaque estrangeiro, os agentes mostraram-se tão hostis com ela que lhes perdeu o respeito e se recusou a apresentar queixa. «Consegue ser imparcial?», irá perguntar o juiz. «Sinceramente, Meritíssimo, não sei, mas farei o meu melhor.» Resultou duas vezes, recentemente. Tanto a defesa como a acusação ficaram na dúvida a meu respeito e não me quiseram como jurado.

Afinal, quando chegou a sua vez, fez exatamente o que lhe dissera que faria e foi imediatamente dispensado e enviado de volta para a sala dos jurados. Pegou no seu exemplar do *The Wall Street Journal* e retomou a leitura onde a tinha deixado antes de ser chamado à sala de audiências. Quando, passada mais de uma hora, percebeu que ela não regressava, pressupôs que talvez tivesse hesitado nas respostas a um ou a ambos os advogados e que, por causa disso, tivesse acabado por ser selecionada.

Mas não foi o caso. Quinze minutos depois de ele já ter desistido de esperar, a campainha do elevador soou e ela surgiu no átrio principal. Olhou em redor, avistou-o e caminhou nessa direção.

— Resultou! — exclamou ela, satisfeita como uma criança.

— Não conte a ninguém que lhe disse.

— Claro que não.

— É um segredo bem guardado. Sabe — acrescentou ele, tirando o casaco do assento ao lado para lhe dar lugar —, certa vez falei a alguém de um hotel em Nápoles, onde costumava sempre ficar, por causa de um cliente importante que lá tinha. O hotel não era nada de especial, mas um dos quartos era simplesmente divinal. «Reserva o quarto 68B e mais nenhum», aconselhei. Pois bem, desde esse dia, a recomendação deve ter-se espalhado como um incêndio entre as pessoas da minha área, porque nunca mais consegui reservar esse quarto. Acabei por encontrar um hotel melhor, com uma vista ainda mais bonita da linha costeira e do Vesúvio. Mas, agora, não digo a ninguém.

— No meu ramo — disse ela —, sabemos guardar segredos.

— Qual é o seu ramo de atividade? — perguntou ele, acreditando que seria capaz de adivinhar.

— Sou médica da cabeça — respondeu com uma discreta risadinha e um toque de timidez que quase soava a um pedido de desculpa pela profissão. As palavras *médico da cabeça* soavam ao velho remate de uma piada que já foi contada tantas vezes que não precisa sequer de explicação. Em seguida, com uma ligeira ousadia que quase o surpreendeu: — Como se chama o hotel?

— Chama-se Albergo Segreto, que é como quem diz, o Hotel Segreto.

Ela pensou na resposta.

— Ah! — exclamou por fim. — Então, não me vai dizer? — Havia uma espécie de beicinho afetado e ofendido na voz dela.

Agradava-lhe o modo como ela fingia censurá-lo sem real intenção.

— Direi, mas primeiro terá de me contar o que disse ao juiz.

Afinal, ela não tivera necessidade de inventar uma história. A filha tinha sido assaltada em plena luz do dia, na Columbus Avenue, enquanto passeava com o filho de quatro anos. Telefonara de imediato para o 911 e, quando a polícia chegou, pediu-lhe que descrevesse o agressor. Ficara tão nervosa e assustada com o que podia acontecer ao filho que não se concentrara no assaltante e foi incapaz de o descrever à polícia. Os agentes pediram-lhe que fosse à esquadra apresentar queixa. «Mas por essa altura o assaltante já terá desaparecido», protestara ela. «Minha senhora», disse um dos dois agentes com um sorriso atrevido e sabichão, obviamente satisfeito com aquilo que se preparava para lhe dizer, «o seu assaltante desapareceu há muito, muito tempo.» Aquele *o seu assaltante* ficou-lhe atravessado na garganta. À semelhança da mãe dele, recusou-se a apresentar queixa. Estava mais furiosa com os polícias do que com o ladrão.

Por essa altura já era quase meio-dia e meia e o júri tinha uma hora e meia para almoçar. Tinham de estar de volta às duas e quinze, sem falta, anunciou o funcionário pelo sistema de som.

Apressaram-se a sair. Ele disse que conhecia um restaurante chinês ali perto com um serviço rápido e comida bastante aceitável. Ela adorou a ideia. Oh, exclamou ela, quase recuando um passo, importava-se que ela o acompanhasse? Claro que não. Era mesmo advogado?

— Sim. Porque pergunta?

— Pelo aspeto — respondeu ela, deslizando a palma da mão pela lapela e quase rindo do fato de lã num dia tão quente.

Reformara-se no ano anterior, mas ainda não se habituara à vida de ex-sócio. Mantinha um escritório na Pearl Street, embora tivesse começado a apreciar o trabalho a partir de casa.

Gostava do que fazia?

— Sim. Na maioria das vezes. Às vezes. Para ser sincero, raramente — confessou, rindo-se pela primeira vez daquela revelação.

Ela gostou da maneira como ele se ria. Não era o tipo de banqueiro de investimento sisudo que imaginara. Sabia rir-se de si próprio — não em excesso, mas o suficiente para passar no teste preliminar de sentido de humor que aplicava tanto a pacientes como às pessoas em geral.

E quanto a ela, perguntou, gostava de ser psicóloga?

— *Na maioria das vezes. Às vezes. Para ser sincera, raramente* — replicou, repetindo quase à letra as palavras dele, quiçá também com a intenção de o provocar. Depois, com receio de ter exagerado: — A sério, gosto de ser psicóloga. — Mas aquela defesa vinha marcada por uma certa hesitação. Com um *talvez* tácito na voz, acrescentou que volta e meia albergava dúvidas quanto à sua escolha de carreira, sobretudo numa fase tão avançada da vida. Até já pensara em reformar-se. — Mas depois o que fazia eu o dia todo? — Além disso, nunca teria coragem de admitir nada daquilo a ninguém, muito menos a um desconhecido. — Mas porque estou eu a contar-lhe tudo isto?

— Muito provavelmente porque sou um desconhecido e pode dizer o que bem lhe apetecer.

Comentou que ele não lhe parecia o tipo de advogado pugnaz.

— Isso é porque sempre evitei os litígios. Nunca vou a tribunal, deixo que sejam outros a fazê-lo. Acabo por ter razão na avaliação da maioria dos casos, mas há sempre uma parte de mim que receia estar enganado. Reformar-me foi a melhor coisa que fiz enquanto advogado. Pense nisso.

Gostavam ambos de nenhum deles parecer demasiado satisfeito com a própria carreira. Também se esforçaram por não se intrometer muito na vida um do outro. Isso deu àquela caminhada um toque de leveza e descontração que lhes agradava.

— Ah, e já agora, chamo-me Catherine.

Ele não resistiu:

— Chame-me Heathcliff.

Riram-se ao entrar num dos sempre cheios restaurantes chineses a menos de dez minutos do tribunal.

O almoço foi lesto e divertido. Nenhum dos dois sabia muito bem do que o outro gostava. Ele perguntou-lhe se apreciava coentros. Ela respondeu afirmativamente, mas revelou que o marido não gostava.

— Detesta o sabor.

— Que curioso, a minha esposa também detesta coentros. Li algures que há pessoas que não suportam o sabor porque lhes lembra o sabonete Ivory. Nunca pedimos comida chinesa.

— Nós também não.

— Mundo estranho, não é?

— Estranho, sem dúvida. E, no entanto, aqui estamos nós, prestes a pedi-la.

Riram-se outra vez, embora se interrogassem ambos se o outro teria entendido a razão daquela gargalhada. Podia ter sido uma crítica implícita, embora involuntária, às vidas que levavam, mas também podia não passar de pura coincidência, por terem cônjuges com o mesmo paladar.

A sopa estava maravilhosa, os *dumplings* fritos foram os melhores que ela comera em anos e os pratos de camarão e frango com caju, que se sentiram à vontade para partilhar, estavam simplesmente deliciosos. O frango de ontem e a sopa de ontem à noite, mas quem se importa!, exclamou ele. Ela concordou. O resto não identificado era um segredo culinário por direito próprio, acrescentou ela.

Ele cozinhava? No passado, imenso. E ela? Raramente. O marido era picuinhas e não apreciava que ela andasse pela cozinha quando era ele a preparar o jantar. Por isso, aprendeu a não se meter, embora até gostasse de cozinhar. Cozinhavam

juntos?, perguntou ela. A mulher dele queixava-se de que ele sujava demasiados tachos e panelas, para as poucas coisas que fazia, sobretudo agora que estavam só os dois, já que os filhos se tinham casado e viviam nas suas casas.

É a vida, comentou ele com uma pequena gargalhada. É a vida, sim, repetiu ela.

Quando saíram do restaurante, ainda lhes sobrava uma boa meia hora antes de terem de voltar à sala do júri.

— Café? — sugeriu ele.

— Sim, claro.

Era uma caminhada de três minutos. O Da Pirro — bar, café e enoteca —, de que todos os jovens advogados do seu escritório diziam maravilhas, estava cheio. Tiveram de esperar na fila, ouvir os pedidos complicadíssimos das pessoas à frente deles, e, quando chegou a sua vez, demoraram mais tempo a pagar do que a receberem o café.

— Sinto que estamos numa estranha contagem decrescente — comentou ela.

— Pois é. Temos quinze minutos, menos cinco para passarmos pelo detetor de metais e subirmos nos elevadores, que parecem arrastar-se.

Ele confessou que, mesmo nos dias quentes, gostava de beber o café quente — vá-se lá entender! Ela disse que detestava pedaços de gelo no dela.

— Podemos ao menos discordar em alguma coisa? — perguntou ele, sabendo que ela ia apreciar aquele toque de humor.

— De certeza que encontraremos alguma coisa, se voltarmos a ver-nos — brincou ela. Mas, receando que o seu comentário pudesse ser mal interpretado, acrescentou algo para dar a entender que a tarefa de jurado podia durar mais do que qualquer um deles desejava. Ele disse que concordava plenamente.

— Noutros tempos os advogados eram dispensados de imediato. Agora continuam a ser dispensados, mas têm de estar presentes até ao fim, como toda a gente. Mas, com toda a sinceridade, isto foi muito agradável.

Ela concordou e, enquanto caminhavam sob o Sol intenso do meio-dia com os copos de café na mão, virou-se para ele e declarou:

— Está a ser um belo dia para mim.

Ele fez que sim com a cabeça para mostrar que tinha ouvido e registado o que ela acabara de dizer. Pararam na passadeira à espera que o sinal para atravessar mudasse e, presentindo que estava prestes a instalar-se um silêncio incómodo entre os dois, ela acrescentou:

— Volta e meia ocorre um acontecimento fortuito e, de súbito, percebemos que vinha com um pequeno halo. — Desta vez ele encarou-a e voltou a assentir. Isso deu-lhe ânimo para rematar: — Bom, queria apenas fazer este comentário simples e sem grandes enfeites antes que o ruído se instale e o momento passe. Por isso, obrigada.

— O prazer foi meu — retorquiu, a mesma fórmula a que tantas vezes recorria depois de dar conselhos jurídicos. Mas depois, ao perceber que *o prazer foi meu* soava demasiado vazio em resposta ao que ela acabara de dizer, e podia facilmente passar por um banal *de nada*, acrescentou: — Talvez lhe tenha parecido especial porque nada disto foi planeado. Também ajudou a pôr o halo.

— Aceite o elogio! — repreendeu ela com uma gargalhada suave. — Eu teria comprado um *bagel* com queijo-creme e, qual viúva, teria almoçado num daqueles bancos do parque enquanto enxotava os pombos.

— Com sorte, poderemos repetir tudo amanhã.

— Sim, com sorte, assim faremos.

Foram separados cinco minutos depois de terem regressado. Ela foi enviada para a Sala 81 e ele para a 66.

Ao pegar no casaco e pendurá-lo no braço, ele não conseguiu evitar dizer de rompante:

— É provável que não voltemos a ver-nos.

— Eu sei.

Ocorreu a ambos, sem saberem porquê, que havia algo de desolador naquela separação. Não esperavam sentir-se assim, e foi por isso que nenhum dos dois teve tempo de esconder o que sentia.

— É a vida — declarou ele uma vez mais e, com um ar filosófico, encolheu os ombros. Não tinha a certeza de que ela o tivesse ouvido. Pouco importava.

Mas, no elevador, lembrou-se de repente que Heathcliff não era o seu nome, Heathcliff era uma brincadeira, uma piada tola e muito estúpida. Que grande idiota!

Que homem encantador, cogitou ela. E logo se arrependeu de não lho ter dito. Gostara da forma como ele fora sincero acerca do trabalho e depois, quase como quem não quer a coisa, lhe contara que a esposa se queixava de que ele sujava demasiada loiça quando cozinhava. *Ainda assim, aposto que são daqueles casais que bebem vinho juntos enquanto fazem o jantar. Nós não.*

Enquanto era interrogado pelo advogado de defesa, atrapalhou-se com as respostas, ousou até discutir com ele sobre a pertinência da pergunta, foi repreendido pelo juiz, mas acabou sumariamente dispensado pela defesa. Sem o planejar, tinha representado o papel de um louco. *Aceitam tolos no banco dos jurados, loucos é que não*, pensou.

Quando regressou ao átrio principal, reparou que os lugares que tinham sido dele e dela estavam agora ocupados por outras pessoas, e que ela não se encontrava ali. *É bem feita por usar um nome inventado*. Sabia que era inútil tentar procurá-la. Provavelmente, desta vez, ela já tinha sido escolhida para fazer

parte de um júri. Voltou à leitura do jornal. Não lhe tocara desde que tinham começado a conversar.

Se ela tivesse mesmo sido escolhida, ele almoçaria sozinho no dia seguinte. Não se importava de almoçar sozinho. Almoçar sozinho nunca o tinha incomodado — desde que quem se sentasse à sua frente não sorvesse a sopa nem mastigasse de boca aberta. *Foi, refletiu, um pequeno e fugaz episódio num restaurante chinês perto dos tribunais.* Não, episódio, não. Apenas um momento belo e fugaz. Não sabia muito bem como descrevê-lo. Um momento. Então lembrou-se e sorriu. Um pequeno halo, chamara-lhe ela.

Ainda estava a ler as manchetes quando ouviu: «Um tostão pelos seus pensamentos.» Não reconheceu a voz atrás de si. Um amigo, ou um antigo colega, um amigo de um amigo, talvez um vizinho também chamado para o júri?

Virou-se para ver.

— Como esquecemos depressa — comentou ela, ao notar a forma rápida e habilidosa como ele tentara disfarçar o olhar vago que lhe toldava o rosto.

Percebeu, então, que, sem querer, tinha pregado uma partida a si mesmo. Recusara-se a acreditar que a pessoa que lhe falava era precisamente aquela que mais queria rever. Ficou radiante, e disse-lho.

— Estive quase a dar com a cabeça na porta do elevador por lhe ter dado um nome tão estúpido.

— Achou que eu era assim tão tola? Sabia que Heathcliff não era o seu nome. Chama-se Paul Wadsworth. Respondeu a esse nome quando o chamaram esta manhã.

Ele, por outro lado, não sabia o nome completo dela. Catherine Shukoff, informou ela.

Sentou-se ao lado dele. Nenhum dos dois ia continuar a ler. Havia muitas coisas que queriam dizer um ao outro, mas estavam tão surpreendidos com o reencontro que não lhes ocorreu nada. Ou quiçá já tivessem esgotado tudo o que havia

para dizer ao almoço e restassem apenas migalhas, resquícios que não durariam mais do que um ou dois minutos. O que tornou qualquer reflexão adicional irrelevante foi o súbito anúncio pelo sistema de som, pedindo desculpa pelo calor intenso, tanto no exterior como no interior do tribunal.

— E isso quer dizer o quê? — gritou uma das pessoas mais vocais do átrio.

— Quer dizer — respondeu a voz no sistema de som, num tom de gozo — que estão dispensados por hoje, mas têm de voltar amanhã às nove e meia sem falta. — E acrescentou: — Imagino que devam estar desolados.

Ouviu-se uma gargalhada leve e contagiante no átrio. Em segundos, levantaram-se todos e começaram a sair apressadamente, como alunos assim que o diretor anuncia as férias de verão.

— Eu trago café para os dois — ofereceu ele.

— E eu trago os *croissants*.

— Melhor ainda — propôs ele. — Amanhã encontramo-nos no Da Pirro, antes de o tribunal abrir. Não vão deixar-nos entrar com o café.

— Combinado.

Ele ia a pé para o escritório. Ela ia pela Eighth Avenue até à Upper Shrink Side. Achava graça à forma como toda a gente se precipitara para o exterior mal se escutara o funcionário dizer que tinha a certeza de que estavam todos profundamente desolados. Paul deixara escapar uma espécie de risada.

Depois despediram-se.

Não estavam a pensar como devia ser.

Um passeio pelo SoHo teria sido uma boa ideia, cogitou ela.

Um mil-folhas no Caffè Reggio, antes de seguirem para a parte alta da cidade, porque não? Ele, na verdade, até não precisava de ir ao escritório.

Não estava a pensar como devia ser.

Nem eu, teria ela respondido.